

O Patético em Cícero e Vieira: as Catilinárias e o Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda

José Márcio Correia de Queiroz*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: *Foram confrontadas as duas obras, Catilinárias, de Marcus Tullius Cicero, e Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, de Pe. Antônio Vieira, de modo a apreciar o emprego do patético em ambos os discursos retóricos, focalizando a sua importância como recurso persuasivo, presente em elementos comuns a essas obras.*

Palavras-Chave: Retórica ; Persuasão ; Patético.

Abstract: *For this work, two pieces of literature, Catilinárias, written by Marcus Tullius Cicero, and Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, by the Priest Antônio Vieira, were confronted in order to appreciate the presence of the element pathetic in both rhetorical discourses, highlighting its importance as a persuasive resort, which is present in elements that are common to both opuses.*

Key words: *Rhetoric ; Persuasion ; Pathetic.*

Este artigo propõe apreciar o emprego do patético nos discursos persuasivos presentes nas obras *Catilinárias*, de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), e *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, de Pe. Antônio Vieira (1608-1697). Nestas obras, Cícero e Vieira apelam para o *patético* com a finalidade de convencer seus ouvintes a combater os inimigos políticos da nação e dos bons costumes. Aqui, o patético se torna um instrumento eficaz de persuasão, levando os oradores a alcançarem, com sucesso, seus objetivos.

A Retórica

Apesar da linguagem persuasiva ser um instrumento pertinente a todos os grupos humanos desde suas origens, foi na Grécia antiga que a oratória amadureceu como arte sujeita a cânones (Polito, 1998:26). Deve-se à civilização helênica, pois, os primeiros estudos e reflexões teóricas sobre o tema (Reboul, 1998:01). Portanto, foi por influência grega que a retórica chegou aos romanos (Polito, 1998:28).

O primeiro representante significativo da eloquência romana foi *Catão* (séc. II a.C.); contudo, foi no *período clássico* (81a.C a 68 d.C.) que a oratória floresceu e encontrou seu esplendor. De acordo com Paratore (1983:182) e Souto Maior (1973:181), predominavam em Roma, neste período, três correntes retóricas: a) a *Corrente Ática*, que primava pelo discurso objetivo, árido, claro e direto; pelo conteúdo em detrimento da forma, e por uma linguagem simples, visando mais a convencer do que a deleitar; b) a *Corrente Asiática*, que valorizava o

* Aluno do Curso de Graduação em Letras da UFPE. Trabalho desenvolvido na Disciplina LE 442 – Literatura Latina 2 A, sob a orientação do Prof. Ricardo Soares, Semestre 2003.2.

floreio lingüístico, a forma mais que o conteúdo, buscando mais o prazer estético da platéia do que convencer os ouvintes; e c) a *Corrente Ródica*, cujo objetivo é buscar uma conciliação entre as duas tendências anteriores e cujo principal representante foi *Cícero*, o maior orador da Antigüidade Romana (Bickel, 1987:399).

Entendemos por *Eloqüência* a força expressiva do discurso, que prende o ânimo e a atenção dos ouvintes por um determinado período de tempo; e por *Oratória*, a habilidade de discursar em público; ou mesmo podemos defini-la como sendo o próprio discurso persuasivo (Bueno, 1954:15-19, e Souza, 1997). A *Retórica*, por sua vez, é a disciplina que estuda a oratória, ou seja, é o tratamento teórico do assunto e o conjunto de normas e técnicas que asseguram a eficácia da persuasão (Seidel, 1997:16).

Seguindo uma classificação aristotélica, podemos dividir a oratória em três categorias básicas: a) *Gênero Judicial* (*genus iudiciale*), próprio dos discursos de acusação ante os tribunais; b) *Gênero Deliberativo* (*genus deliberativum*), presente nos discursos políticos e parlamentares; c) *Gênero Laudatório* (*genus laudativum*), que marca os cerimoniais religiosos e os discursos que elogiam pessoas vivas, como o *panegírico* (Bickel, 1987:391).

Estruturalmente, a oratória está dividida em quatro partes: a) *introdução* (*exordium* ou *prooemium*), onde se prepara o ânimo dos ouvintes; b) *narração dos fatos* (*narratio*), em que o orador expõe o assunto e apresenta as causas; c) *desenvolvimento* (*argumentatio* ou *probatio*), parte principal do discurso, no qual se levanta toda a argumentação para convencer o ouvinte, seja ela positiva (*confirmatio*) ou negativa (*refutatio*) – a *refutatio* vem normalmente em resposta às objeções do adversário; e d) *desfecho* (*peroratio*), onde se concentra o maior esforço de persuasão dos fatos (*epilogus*), deixando uma última impressão nos ouvintes, apelando para a ética, para a moral (honra) e para o patético (emoção). Às vezes, o orador termina o seu texto fazendo uma invocação a alguma divindade ou personagem sagrada (Bueno, 1954:108, e Seidel, 1997:18).

Além disso, podemos ainda observar no discurso retórico três intenções quanto ao efeito que deseja provocar nos ouvintes: a) a *intencionalidade intelectual* (*docere* = instruir, ensinar), cujo principal objetivo é convencer; b) a *intencionalidade emocional moderada* (*delectare* = agradar, deleitar), visando ao prazer estético do público; e c) a *intencionalidade passional* (*movere* = comover), cujo fim é causar um impacto mais forte, isto é, podemos defini-lo como aquilo que abala e impressiona a assembléia (Reboul, 1998:XVIII, e Plett, *apud* Seidel, 1997:17). Para isso, o orador utiliza o *patético*.

O patético, no discurso persuasivo, apela para o *pathos* (emoção, paixão) e não ao *logos* (razão) (Damborenea, 2003). Corresponde a todos os recursos e meios de persuadir não-argumentativos para defender uma causa mediante a provocação de emoções, tais como compaixão, dor, lealdade, comoção e outros (Bueno, 1954:96-97). Visa, com isso, alcançar a sensibilidade emocional dos ouvintes para movê-los a uma ação. Os jogos dialéticos, no discurso persuasivo, convencem a razão, mas não a vontade. O patético, por sua vez, move a vontade, excita as multidões e as impele à ação (Damborenea, 2003).

Os Contextos

Ambos os textos, as *Catilinárias* de Cícero, e o *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda* de Pe. Vieira, foram escritos em épocas de crise. A sociedade, nestas diferentes épocas, estava mergulhada em diversos conflitos, em decorrência das várias transformações pelas quais passava no campo político, social, econômico e religioso.

Roma, entre os sécs. II e I a.C., vivia as conseqüências de suas guerras militares

expansionistas. A exploração dos territórios conquistados trouxe riquezas econômicas para o Estado romano, mas, ao mesmo tempo, causou a degradação e a corrupção dos antigos costumes e valores familiares, morais e religiosos. O número de divórcios e adultérios cresceu consideravelmente, em decorrência da busca por uma vida livre e sem preocupações. A miséria também aumentou nos luxuosos centros urbanos, símbolos do poderio e do prestígio imperiais, causada pela má distribuição de renda e pelos enormes latifúndios que cresceram ao longo dos anos no meio rural. Com isso, os latifúndios acabaram por possuir a maior parte dos meios de produção agrícola. A violência generalizou-se nas capitais, por conta das inúmeras conspirações e choques de interesses, decorrentes da disputa pelo poder político. Enquanto isso, a religião romana não conseguiu suportar a concorrência de várias outras práticas religiosas, que penetravam no Império devido ao contato com outras culturas. Estas práticas, de origem helenística e oriental, tornaram-se mais atrativas do que o culto imperial e a velha veneração aos antepassados (Campos, 1985:108-109).

A Europa dos sécs. XVI e XVII vivia, por sua vez, uma profunda crise religiosa que acarretou a Reforma Protestante; e uma profunda crise econômica que foi gerada pelo declínio das relações comerciais com o Oriente. Portugal estava sob o jugo da Espanha, devido à morte do rei D. Sebastião, em Alcácer-Quibir, deixando seu trono para seu parente espanhol, o rei Filipe II. Ambos os países viviam sob a vigilância da Inquisição Católica, controlada pelo Tribunal do Santo Ofício e reanimada pela Contra-Reforma. Aos jesuítas, membros da Companhia de Jesus, estava encarregada a missão de propagar a fé e impedir a difusão das idéias reformistas, principalmente entre os povos do Novo Mundo. Enquanto isso, o Brasil, colônia portuguesa, vivia no esplendor de sua produção canavieira, mas também estava constantemente sob a ameaça de uma invasão holandesa, inimiga da Fé e da Coroa (Nicola, 1993:40).

Podemos dizer que, enquanto na época de Cícero, a oratória serviu mais a interesses políticos e forenses (Petit, 1983:253); na época de Vieira, ela atendia mais a propósitos religiosos. Deste modo, a oratória, no período colonial, era predominantemente sacra (Moisés, 1997:195).

O estudo comparativo

Ambos os discursos respondem a fins políticos – apesar de revestidos de um caráter jurídico nas *Catilinárias*, e de um caráter religioso no *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda* – defendendo o sistema até então vigente contra os seus adversários. Para isso, utilizam a palavra como principal instrumento de persuasão.

Nos dois discursos em questão, o patético é empregado no intuito de animar e incitar a platéia contra os inimigos públicos do Estado, até que não representem mais perigo para a Nação. Para isso, ele funciona como um apelo à consciência, à memória e ao patriotismo dos ouvintes; como também está presente na caracterização moral dos adversários.

Ao se dirigir à consciência, o patético tem a intenção de provocar o arrependimento no ouvinte e de convencê-lo a mudar de atitude e repensar seus atos. Cícero (1952:223) exorta Catilina a exilar-se usando para isso um tom apelativo acentuado pelo emprego das interrogações que, muitas vezes, aparecem ao longo do seu discurso: *Mas para que é falar eu? para que te contendas?*, tentando, com isso, passar para o público uma imagem de bom cidadão preocupado com seu próximo: *para que te emendes?*, tornando-se, muitas vezes, a voz incisiva da consciência e do bom-senso: *para que cuides em fugir? para que tragas ao pensamento algum desterro? Oxa lá te metessem tal na cabeça os deuses imortais!*

Já Vieira (1951:305-306), recordando o esforço dos *oradores evangelicos em prègar penitencia aos homens* para levá-los a abraçar os dogmas do cristianismo, apela para a conversão de Deus: *quero eu, Senhor, converter-vos a vós*, de modo a mudar o foco da atenção dos ouvintes a seu favor. A conversão, para Vieira, neste momento, significava ajudar o Estado a combater os seus inimigos que ameaçavam a estabilidade da nação: *O que venho pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis*, libertando a todos das futuras conseqüências advindas de um possível embate com as forças inimigas.

Para reforçar o arrependimento e a mudança de comportamento a seu favor, Cícero e Vieira tentam instigar nos seus ouvintes o sentimento de culpa. Cícero (1952:225), para isso, num discurso solene e revestido de um tom profético: *Porventura quando a guerra assolar a Itália*, antecipando as conseqüências da Conspiração de Catilina: *quando as cidades forem vexadas, e arderem os edificios*, revela ao oponente o terror da própria crueldade e o induz ao remorso: *parece-te que não arderás tu então no incêndio do ódio?*. Semelhante crueldade, em Vieira (1951:303), é endereçada aos *velhos*, às *mulheres*, aos *meninos*, componentes da sociedade tidos, na época, como os mais frágeis, os *que não têm forças*, os quais nas *mãos da crueldade heretica* morreriam como *ovelhas innocentes*. E, além disso, lembra à consciência dos espectadores presentes que aqueles que conseguissem *escapar á morte*, deixando para trás suas propriedades e pertences *desterrando-se a terras estranhas* não só perderiam, em decorrência da invasão holandesa, *a casa* e demais possessões, mas, sobretudo, *a pátria*. Se, portanto, toda morte implicava em perda, então, mesmo salvaguardando a vida, se morreria de qualquer forma pelo abandono daquilo que mais se amava, as raízes, perdendo, com isso, a identidade enquanto membro de uma nação.

Muitas vezes, a visão profética que aparece nos discursos de ambos os oradores vem acompanhada por imagens dramáticas, em decorrência de uma possível vitória inimiga. Não bastava apenas mobilizar a população a agir contra os oponentes, mas também convencer as autoridades constituídas, detentoras do poder político e religioso, da emergência em abraçar a causa defendida. Cícero (1952:255), então, se dirige aos senadores, *patres conscripti*, alertando-os sobre o estado da pátria ao cair nas mãos violentas dos inimigos: (...) *representa-se-me na imaginação a pátria sepultada*; e descreve o destino fúnebre da maioria da população, convertendo Roma, metrópole majestosa, em grande cemitério a céu aberto: *e os infelizes montões de cadáveres desenterrados*, acentuando, com isso, as conseqüências da fúria inimiga que não descansaria enquanto não atingisse também aqueles que governavam o Império: *trago diante dos olhos o semblante de Cetego, e o furor com que se afadiga na vossa mortandade*. Semelhante fúria avassaladora e voraz é retratada por Vieira (1951:320), referindo-se aos holandeses: *Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de hereges: não perdoarão a estado, a sexo nem a idade*, ameaçando, portanto, a vida de todos os cidadãos: *com os fios dos mesmos alfânges medirão a todos*, e trazendo, com isso, transtornos e sofrimentos à sociedade colonial: *chorarão finalmente todos*, principalmente *os innocentes*, *porque nem a esses perdoará*. Os oradores, portanto, constroem um cenário *apocalíptico*, de modo a surpreender seu público com a tragicidade de cenas e imagens com o fim de alimentar o terror nos espectadores; evitando, com isso, a proximidade entre estes e os adversários, e assim impedir a disseminação de certas idéias subversivas que poderiam contrariar o Estado.

Apelando para a afetividade da platéia, os oradores trazem a seu discurso figuras de pessoas queridas, com o fim de sensibilizar significativamente seus ouvintes e assim atenuar qualquer resistência ideológica às idéias apresentadas. Cícero (1952:221), perspicaz e incisivo, tenta fragilizar emocionalmente o inimigo, mencionando, para isso, os pais de Catilina em seu discurso: *Se teus pais se temessem de tí, e te aborrecessem, e os não pudesses em nenhum modo aplacar*, para, com isso, induzir o adversário à fuga, desmotivando-o de continuar com a rebelião: *creio te retirarias de seus olhos para outra parte (...)*. Cícero,

ainda, para assegurar essa idéia, deconstrói o autoconceito do oponente, concientizando-o do descontentamento popular: *E tu, conhecendo pelo próprio remorso de teus delitos esta justa e geral indignação, que há tanto mereces*, gerando, deste modo, um mal-estar social: *ainda duvidas retirar-te da vista e presença daqueles que te não podem suportar nem ver?*

Usando semelhante estratégia para comover os ouvintes, o discurso vieiriano (1951:320-321), através de um questionamento moralizante dos supostos desígnios divinos: *Não me admiro tanto, de que hajaes de consentir semelhante agravos e affrontas nas vossas imagens, pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo*, traz à tona a figura materna da Virgem Maria, altamente estimada pelos católicos que a consideram mãe espiritual: *mas nas da Virgem Maria, nas de vossa Santissima Mãe*; usando, para isso, um tom judicativo: *não sei como isto pôde estar com a piedade e amor de Filho*.

Para assegurar um clima de hostilidade, os oradores recorrem à memória dos ouvintes, gerando uma certa antipatia entre o público e os oponentes. Com esse propósito, Cícero (1952:217-218) revela os planos de Catilina num tom punitivo:

Poderás porventura negar-me que naquele próprio dia (...) disseste que te contentavas com a minha morte?, descrevendo-os, se possível, até nos mínimos detalhes: *Não te lembras do que eu disse no Senado em vinte e um de Outubro, que Mânlio, ministro e sócio das tuas maldades, havia de estar armado em certo dia, cujo dia havia de ser o vinte e seis do mês?*,

demonstrando, com tais pormenores, ter o controle da situação e, com isso, cercear qualquer defesa que viesse inocentar o inimigo. Indiretamente, com esse tipo de recurso, Cícero já estava levando Catilina à condenação: (...) *Eu mesmo disse que tu deputaras o dia vinte e seis de Outubro para a mortandade dos nobres (...)*, provocando, desta maneira, uma certa indignação na platéia. Vieira (1951:313), entretanto, recorda o público lusitano do apoio divino às conquistas portuguesas: *Assim fostes servido que entrássemos n'estes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente*, legitimando assim a apropriação dos territórios coloniais pelos portugueses em detrimento da invasão holandesa, mostrando-se, com isso, decepcionado e indignado pela suposta injustiça divina:

Que a larga mão com que nos déstes tantos dominios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautela e dissimulação de vossa ira; exaltando-se, muitas vezes, num discurso agressivo: *para aqui fôra e longe de nossa pátria nos matardes, nos destruídes, nos acabardes de todo*.

Justifica-se, para isso, mediante a citação de uma passagem bíblica em latim (Êx 32,12), onde encontramos um apelo à vontade divina, tentando dissuadi-la de uma decisão: *Oh como receio, que não fálte quem diga o que diziam os Egypcios: Callidè eduxit eos, ut interficeret, et deleter è terra*. Com isso, o orador queixa-se a Deus por permitir a invasão inimiga: *e assim permitis que saiamos agora (quem imaginaria de vossa bondade), com tanta affronta e ignominia!*

Ao recorrer à memória dos ouvintes, os oradores também visam a encorajá-los no enfrentamento dos oponentes. Cícero (1952:259), para comover as autoridades competentes, recorda os feitos de personalidades importantes para a história romana:

(...) tributem-se insignes louvores ao outro Africano, que consumiu duas cidades

inimicíssimas deste Império, Cartago e Numância,

colocando-se indiretamente no lugar desses heróis, já que também, como eles, empenhava-se em salvaguardar o Império: (...) *goze de glória eterna Mário, que duas vezes livrou a Itália de invasão e temor de escravidão (...)*; para, com isso, mover as decisões do Senado a seu favor, devido ao respeito e admiração que o povo romano possuía por essas personagens históricas. Vieira (1951:311-312), apoiando-se na tradição bíblica, tão relevante para a cultura judaico-cristã do Ocidente, apela para a compaixão divina lembrando-lhe da infidelidade dos hebreus:

Os hebreus adoraram o idolo, faltaram á fê, deixaram o culto do verdadeiro Deus, chamaram Deus e Deuses a um bezerro, em detrimento da fidelidade portuguesa, e nós, por mercê da vossa bondade infinita, tão longe estamos e estivemos sempre de menor defeito, inocentando, com isso, a nação lusitana de qualquer culpa ou escrupulo n'esta parte (...).

O patético, nos textos em estudo, funciona como um meio de garantir a lealdade do povo e incitar o orgulho patriótico, despertando nos ouvintes o sentimento de nacionalidade e de patriotismo. A pátria, como instituição divina, deve ser protegida pela força dos homens em colaboração com a sabedoria dos deuses; portanto, em certos momentos, os discursos acabam se tornando uma oração religiosa, organizando as palavras em um ritual solene. Cícero (1952:226), então, recorre a Júpiter, lembrando a platéia da fundação sagrada de Roma citando personagens mitológicas para tanto: *Júpiter Stator, que aqui foste colocado por Rômulo com os mesmos auspícios com que fundou esta cidade*. Com isso, o orador torna-se, devido à sua função intermediadora, um intercessor do povo junto à divindade:

e a quem com verdade chamamos Stator desta corte e Império, o apartarás e a seus sócios de teus altares e templos, (...) e a todos os inimigos dos bons, a todos os adversários da pátria, a todos os ladrões da Itália, confundindo-se, às vezes, no decorrer do seu discurso, com o próprio juízo divino, traduzindo para os homens a vontade dos deuses: juntos entre si com o vínculo de seus delitos e abominável sociedade, vivos e mortos os castigarás com eternos suplícios.

Vieira (1951:304), por sua vez, apoiando-se no versículo 5 do Salmo 43 (versão septuaginta) citado em latim: *Volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire (...). Tu es ipse rex meus, et Deus meus*, legitima e reforça a idéia da fundação divina do Reino português: *O reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou na sua fundação, é reino seu e não nosso (...); e como Deus é o rei (...) e este rei é o que manda, e o que Governa (...)*; e, por conta disso, torna-se a própria consciência divina, acusando Deus de ter abandonado a nação lusitana e de não ser mais fiel à própria vontade que estabeleceu desde a criação de Portugal: (...) *elle que não se muda, é o que causa estas diffenças, e não os reis que se mudaram*.

Recorrendo a esses recursos oferecidos pelo patético, os oradores visam a entusiasmar a platéia, elevando a auto-estima dos ouvintes; apelando, para isso, à identidade nacional. Portanto, faz-se necessário exaltar a superioridade da pátria ante outros povos para estimular o amor-próprio da platéia, pois uma nação constituída por

grande concórdia e por grande multidão de pessoas de probidade e com ânimos grandes, dona de um poderoso exército formado por grandes tropas de soldadesca e de um nobilíssimo império e formosíssima cidade, certamente os deuses imortais presentes hão-de dar auxílio a esse invicto povo (...), contra tão enorme maldade (Cícero, 1952:233).

Vieira (1951:302), então, com esse mesmo fim, resgata das páginas da história lusitana o passado glorioso das conquistas do trono português, respeitado pelas demais nações:

(...) lemos nas nossas historias, e ainda os mais velhos viram, em parte, com seus olhos, as obras maravilhosas, as proezas, as victorias, as conquistas, pois por meio dos portugueses a fé havia sido dilatada. Vieira com isso justifica as ocupações portuguesas nos territórios colonizados como vontade divina: *que por meio dos portuguezes obrou em tempos passados vossa omnipotencia, Senhor (...)*.

Conscientes de sua missão salvífica, os oradores traduzem os sentimentos do povo junto às autoridades constituídas. Cícero (1952:258), dirigindo-se ao Senado, expressa o que para si seria os verdadeiros anseios da população:

(...) todas as ordens, com o conselho, vontade, diligência, valor e voz, conspiram em manter a República, entregando, com isso, aos senadores toda a responsabilidade sobre *a vida de todos os cidadãos, o Castelo, e Capitólio (...)*, e o futuro da nação: *A comum pátria, rodeada das fâchas e armas desta ímpia conjuração, para vós tem humildemente as mãos levantadas; a vós se recomenda a si mesma (...)*. Vieira (1951:313),

por sua vez, figura a voz inconformada do povo português que luta pelo devido reconhecimento junto à divindade:

(...) tiraes estas terras áquelles mesmos portuguezes, a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa Fé. Para isso, dirige-se cerimoniosamente à autoridade divina: *E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo*, lembrando-lhe de um certo pacto histórico de amizade e cumplicidade entre as partes: *e a quem destes por armas como insignia e divisa singular vossas proprias chagas*. Com isso, Vieira recorre à consciência divina e, através dela, à reflexão dos ouvintes: *que ás Sagradas Quinas de Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedam as hereticas Listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e a Deus?*, com o fim de garantir o apoio das massas no combate às forças inimigas que teimavam em ameaçar as fronteiras do Brasil.

Em Cícero (1952:224), o discurso chega a personificar a voz da própria pátria:

Se a pátria, pois, (que amo mais que a vida) se toda a Itália e toda a República me dissesse: que fazes, M. Túlio?, que, através dos lábios do orador, confessa sua vontade: *Por que o não mandarás antes prender, matar e punir com o último suplício?*.

Cícero, pois, simula esse clamor a seu partido:

consentes se vá embora aquele que sabes ser inimigo, aquele que vês há-de ser o general de uma iminente guerra (...)?

induzindo as autoridades a uma sentença, a decretarem antecipadamente um veredito. Portanto, com isso, Cícero tenta dirigir as decisões do senado a seu benefício.

Sentindo a iminente ameaça inimiga, os discursos, em alguns momentos, alcançam um grau maior de subjetividade refletido, muitas vezes, em ataques virulentos:

(...) leva contigo todos os teus, ou ao menos muitos deles, alimpa-nos esta corte; de grande temor me livrarás, quando entre mim e ti estiver o muro da cidade (Cícero, 1952:219),

utilizando, para isso, pretensiosas palavras de forte impacto emocional:

Abrazae, destruí, consumi-nos a todos; mas póde ser que algum dia queiraes hespanhoes e portugueses, e que os não acheis (...) (Vieira, 1951:316);

como também, expresso numa explosão colérica:

já não podemos viver mais contigo, nem eu posso sofrer, tolerar, consentir (Cícero, 1964:219);

ou figurado numa ríspida ironia:

Hollanda emfim vos servirá e venerará tão religiosamente como em Amsterdam Meldeburg e Flisinga, e em todas as outras colonias d'aquelle frio e alagado inferno (...) (Vieira, 1951:316).

Podemos encontrar também o patético, em ambos os discursos, na caracterização do perfil e da conduta social dos adversários, cuja função é macular a imagem do oponente, fomentando uma certa aversão nos ouvintes com relação ao caráter dos inimigos. Cícero (1952:230), para isso, constrói um cenário típico em que descreve o comportamento reprovável de Catilina e de seus correligionários:

(...) os quais pondo-se à mesa em banquetes, abraçados com mulheres impudicas, demonstrando a despreocupação deles com a moral socialmente estabelecida e com os bons costumes: lânguidos com o vinho, oprimidos de fartos, coroados de flores, untados de pomadas, debilitados com adultérios, arrotam em seus fálares mortandades de bons e incêndios da cidade?

Além disso, para Vieira (1951:320), os inimigos não respeitam nem sequer a religião:

Entrarão os hereges n'esta Igreja e nas outras: arrebatarão essa custódia, em que agora estaes adorado dos Anjos.

E ao entrar sem piedade na cidade, profanariam os utensílios religiosos: *tomarão os calices e vasos sagrados, e applical-os-hão a suas nefândas embriaguezes*, e destruiriam o patrimônio: *derrubarão dos altares os vultos e estatuas dos Santos, deformal-as-hão a cutiladas, e mettel-as-hão no fogo*; bem como feririam profundamente o espírito religioso da nação, violando símbolos de extrema relevância que representavam figuras tidas em alta estima pelo povo português:

e não perdoarão as mãos furiosas e sacrílegas, nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da Virgem Maria.

Portanto, ao descreverem o comportamento social do oponente, criando toda uma situação ameaçadora, Cícero e Vieira utilizam o patético para denegrir o caráter moral de seus adversários, de modo a despertar medo e indignação nos ouvintes, convencendo-os a repudiar o contato com aqueles que são considerados inimigos do Estado.

Considerações Finais

Em vista da conservação do sistema e das estruturas políticas, econômicas, sociais e religiosas estabelecidas, faz-se necessário não apenas convencer os ouvintes do iminente perigo advindo com a ameaça inimiga, mas também de convencê-los a expulsar os adversários do Estado e da Nação, conquistando, para este fim, não somente a razão, através de argumentos lógicos e adequados, mas também a confiança da platéia, apossando-se de seus sentimentos. Portanto, para obter tamanho sucesso, o discurso deve, ao mesmo tempo, comover a razão, apropriar-se da consciência, relembrar respeitosos feitos passados e despertar a nacionalidade e o patriotismo arraigados no coração do povo, levando os ouvintes a conhecer as falhas de caráter do oponente, contra o qual se deve lutar até que não se constitua mais como uma ameaça à nação e à ideologia que se quer proteger.

Nas *Catilinárias* e no *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, Cícero e Vieira, respectivamente, usam o patético para se apoderar das emoções alheias e justificar a luta contra a ameaça inimiga, induzindo os seus compatriotas a abraçarem esta causa.

Referências Bibliográficas

- BICKEL, Ernest. *Historia de la Literatura Romana*. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- BUENO, Francisco da Silveira. *A Arte de Falar em Público: Retórica, Eloquência Acadêmica, Parlamentar, Forense, Eclesiástica*. São Paulo: Saraiva, 1954.
- CAMPOS, Raymundo. *História Geral*. São Paulo: Atual, 1985.
- CICERO, Marcus Tullius. *Orações*. (Trad. Padre Antônio Joaquim). Rio de Janeiro: W. M. Jackson. (Col. Clássicos Jackson), 1952.
- CORBÍ, José Miguel. (2003). Oratoria: Cicerón. In: _____. *Literatura Latina*. Disponível em: <<http://sapiens.ya.com/jomicoe/oratoria.htm>>. Acesso em: 23 de nov. de 2003.
- DAMBORENEA, Ricardo García (2003). Sofisma PATÉTICO. In: _____. Uso de

Razón. *Diccionario de Falácias*. Disponível em :
 < <http://usuario.tiscali.es/usoderazon/conten/arca/listado/pate.htm>>. Acesso em: 23 de nov. de 2003.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira: Origens, Barroco, Arcadismo*. São Paulo: Cultrix, 1997.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1993.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PETIT, Paul . *História Antiga*. São Paulo: DIFEL, 1983.

POLITO, Reinaldo. *Como falar corretamente e sem inibições*. São Paulo: Saraiva, 1998.

REBOUL, Olivier. *Introdução à Retórica*. (Trad. Ivone Castilho Benedetti). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, Orivaldo E (2003). *Oratória, a Dinâmica da Comunicação*. Disponível em: <<http://www.ebdweb.com.br/ensino/oratoria3.htm>>. Acesso em: 02 de maio de 2004.

SEIDEL, Roberto. Retórica e Literatura: uma Análise de *Os Sertões* de Euclides da Cunha. *Palavra como Vida*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997, pp. 15-24.

SOUTO MAIOR, Armando. *História Geral: para ensino de 2º Grau* (Antigo colegial e vestibulares). São Paulo: Ed. Nacional, 1973.

SOUZA, Luiz Antonio de (1997). *Que é a Oratória?*. In:____. *Curso de Oratória*. Disponível em: <http://www.jcbrasil.org.br/inc/cursos/curso_de_oratoria.htm>. Acesso em: 02 de maio de 2004.

TORRE, Carlos Vilorio de la (2003). *La Oratoria en Roma*. Disponível em: <<http://olmo.cnice.mecd.es/%7Ecviloria/literatura/oratoria.htm>>. Acesso em: 23 de nov. de 2003.

VIEIRA, Antonio. *Sermões*. Porto (Portugal): Lello & Irmão Editores, 1951. (Obras Completas do Padre Antonio Vieira).